



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO	20 DEZ 1979		
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

NA HORA DA DESPEDIDA

ATAQUES
CONTRA
A IMPRENSA

«Interpreto-a como a expressão clara da maioria do povo» — comentou, ontem, Maria de Lurdes Pintassilgo, referindo-se à vitória da Aliança Democrática nas eleições. A primeira-ministra deixava o Palácio de Belém, onde se deslocou para formalizar o seu pedido de demissão, que é passo necessário para a formação de um novo Executivo, com base nos resultados eleitorais.

anterior cargo na UNESCO, já que — disse — «cada membro do Governo voltará às funções que ocupava». A este respeito, afirmou ainda: «A minha proposta não está adiada». Em sua opinião, a perseguição dos seus objectivos próprios, que são — explicou — os de servir o povo numa óptica de interligação entre o local e o internacional, a uma escala pla-

A propósito das declarações proferidas pela primeira-ministra, Adelino Amaro da Costa, presidente da comissão directiva do CDS, afirmou:

«Entrou com arrogância, saiu com azedume — tal foi o itinerário político da Sr.ª Eng.ª Maria de Lurdes Pintassilgo como primeira-ministra. O seu relacionamento com a comunicação social, no momento em que tardiamente acabava de pedir a demissão do seu cargo, foi porém mais longe: revelou uma total incapacidade para compreender o que é, num país democrático, a liberdade de informação. A linguagem azeda e descontrolada da primeira-ministra, às portas da Presidência da República, foi puramente lamentável nos planos político, ético e humano».

Depois do seu encontro com Ramalho Eanes, a primeira-ministra, dirigindo-se aos órgãos de comunicação social presentes em Belém, mostrou-se segura dos seus objectivos originais, manifestados quando assumiu a chefia do V Governo, mas admitiu: «A minha proposta política não foi necessariamente transparente».

E aproveitando a presença de muitos jornalistas, a Eng.ª Maria de Lurdes Pintassilgo atribuiu exactamente à Imprensa, à Rádio e a um canal da RTP, parte da responsabilidade na derrota da sua proposta política, de qualquer maneira limitada pelo espaço temporal em que se enquadrava.

Declarando-se não pessoalmente penalizada, mas triste pela campanha de mentiras que foi dirigida ao povo português, a primeira-ministra acusou com energia os órgãos de comunicação de terem embarcado numa campanha de falsidades e de «fábulas», orquestrada por centrais de informação e de comando bem organizadas.

Segundo a Eng.ª Maria de Lurdes Pintassilgo, a campanha dividiu-se por três frentes de mentiras, nomeadamente as que acusavam o seu Governo de falta de isenção e de fomentar o abstencionismo («não se passou nada disso, antes pelo contrário»), as que a quiseram rotular e vincular a uma determinada corrente política («que nem sequer é a minha»), e as que tiveram por finalidade construir efabulações a propósito de hipotéticas divergências e cisões no seio do Executivo.

No que se refere à Igreja, a primeira-ministra considerou que, de uma maneira geral, e ao nível dos altos responsáveis pela hierarquia, «expressiu claramente a sua isenção», mas não pôde deixar de apontar alguns casos de clérigos que, «pela sua idade e pela sua não compreensão dos problemas, assumiram uma atitude negativa».

Indirectamente, Maria de Lurdes Pintassilgo admitiu a hipótese de voltar ao seu

netária, pode ser realizada como primeiro-ministro, noutra função qualquer, ou até fora de qualquer função».

Voltando a definir como a sua maior decepção, durante os meses em que permaneceu no Governo, a campanha difamatória que lhe foi movida pelos órgãos de comunicação e instada a interpretar essa mesma campanha, Maria de Lurdes Pintassilgo concluiu:

«Não sei fazer a psicanálise da mentira e da calúnia». E remeteu os problemas que daí decorrem para a consciência ética e profissional de cada um e de todos os jornalistas.

JORNALISTAS
RESPONDEM

O Sindicato dos Jornalistas (SJ) não aceita a crítica generalizada que a primeira-ministra em exercício Lurdes Pintassilgo fez ontem, à Imprensa e aos jornalistas portugueses à saída do Palácio de Belém.

Um comunicado do Sindicato dos Jornalistas sublinha que, «ao atribuir a derrota da sua proposta» a uma campanha de calúnias da maioria da Imprensa e dos jornalistas, Lurdes Pintassilgo não resistiu à tentação, comum à maioria dos governantes, de atribuir aos jornalistas a maior parte dos males que afligem o País».

Depois de apontar que a generalização de comportamentos condenáveis ofende a maioria da classe que representa, o Sindicato dos Jornalistas afirma estar de acordo «que, efectivamente, durante a vigência deste Governo se publicaram e emitiram comentários, reportagens e notícias incorrectos, deturpados, manipulados, alguns em linguagem totalmente desadequada e até, por vezes, malcriada».

Estes casos, acentua o SJ, «encerram desrespeito pelas normas deontológicas que regem a profissão e não deixam de ser condenados pela maioria dos jornalistas portugueses».

Futuro